

Sergio Sklar

Psicanálise do “devorar” na infância



Psicanálise do "devorar" na infância

Sergio Sklar

Psicanálise do "devorar" na infância



Rio de Janeiro
2018



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Psicanálise do “devorar” na infância
Copyright © 2018, *Sergio Sklar*
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa & Diagramação:

PoD Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

Celimar de Oliveira

Revisão em alemão:

Jutta Barbara Maria Müller

Ilustração de capa:

Saturno (Crono) devorando seu filho (1819-23), por Goya, Museu do Prado, Madri, Espanha.
Freud: WIKIMEDIA COMMONS)

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S639f

Sklar, Sergio

Psicanálise do “devorar” na infância / Sergio Sklar - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2018.

110p.; 21cm

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-8225-209-3

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 Psicologia - Brasil. I. Título

14-17583

CDD: 150.195

CDU: 159.964.2

07-11-2014

07-11-2014

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Sumário

Introdução	7
Referências.....	19
Trechos freudianos selecionados	21
Primeira Dimensão.....	23
Resumo	25
Segunda Dimensão	31
Resumo	33
Terceira Dimensão.....	41
Resumo	43
Quarta Dimensão	47
Resumo	49
Quinta Dimensão	65
Resumo	67
Sexta Dimensão	79
Resumo	81
Sétima Dimensão	87
Resumo	89
Oitava Dimensão.....	97
Resumo	99
Referências.....	107

Introdução

Referência clássica dos conceitos freudianos da edição alemã das *Obras completas de Sigmund Freud (Gesammelte Werke)*, o livro-índice de Lilla Veszy-Wagner, *Gesamtregister (Índice completo)* assinala as indicações que seguem em torno de uma **psicanálise do “devorar”** (alemão *Fressen*):

Essen (s.a. Fressen; Gefressenwerden; Hunger; Nahrungsaufnahme; Oral; Sättigung; Selbsterhaltungstriebe).

Essen (s.a. Fressen).

Fressen (s.a. Einverleiben; Gefressenwerden; Introjektion; Oral-), Band X, Seiten 230-231.

u. Gefressenwerden (s.a. Gefressenwerden), Band XIII, Seite 116, Band XV, Seite 118.

u. Hunger s. **Essen; Hunger**

als Sexualziel

auf anal-sadistischer Stufe, Band XII, Seite 143.

Als Vorstufe d. Liebe (s.a. *Zärtliches Schimpfen* (Band X, Seiten 2-9)), Band X, Seite 231.

Essen (s.a. Fressen; Gefressenwerden; Hunger; Nahrungsaufnahme; Oral; Sättigung; Selbsterhaltungstriebe).

Essen (s.a. Gefressenwerden).

Gefressenwerden (s.a. Einver-

Comer (ver, também, devorar; ser devorado; fome; assimilação de alimentos; oral; saciedade; pulsões de autoconservação).

Comer (ver, também, devorar).

Comer (ver, também, incorporação; ser devorado; introjeção; oral-), livro X, p. 230-231.

Eserdevorado (ver, também, ser devorado), livro XIII, p. 116, livro XV, p. 118.

E fome, ver: **comer; fome**.

Como fim sexual,

em torno de uma etapa anal-sádica, livro XII, p. 143.

Comer como etapa preliminar de amor, livro X, p. 231 (ver, também, *injúria carinhosa* (livro X, p. 2-9)), livro X, p. 231.

Comer (ver, também, devorar; ser devorado; fome; assimilação de alimentos; oral; saturação; pulsões de autoconservação).

Comer (ver, também, ser devorado).

Ser devorado (ver, também, in-

Psicanálise do “devorar” na infância

- leibung; Fressen; Oral-), Band XV, Seite 118.
- Angst vor u. Oralerotik, Band XIII, Seite 377; Band XIV, Seite 531; Band XVII, Seite 62.
- u. Masochismus, Band XIII, Seite 377.
- d. Mädchens (seitens d. Mutter) (s.a. Mädchen und Mutter; Mutterbindung, präödpale), Band XIV, Seiten 519f., Seite 531.
- seitens d. Totemtieres, u. Totemahlzeit [-tieropfer], Band XIII, Seite 377.
- durch d. Vater, Band XIII, Seite 377; XIV Seiten 133-135, Seite 531; Band XVII, Seite 62.
- als Verwandlungsprodukt d. auf d. Mutter gerichteten oralen Aggression, Band XIV, Seite 531.
- Beim Wolfsmann s. i. **Reg. d. Krankengesch.:** Namenverzeichnis, Wolfsmann.
- i. Märchen u. Mythologie, Band XIV, Seite 133, Seiten 239f.
- corporeação; devorar; oral-), livro XV, p. 118.
- Angústia de E erótica-oral, livro XIII, p. 377; livro XIV, p. 531; livro XVII, p. 62.
- E o masoquismo, livro XIII, p. 377.
- Da menina (da parte da mãe) (ver, também, menina e mãe; vínculo materno, pré-edípico), livro XIV, p. 519s., p. 531.
- Por parte do animal totêmico, e refeição totêmica [- sacrifício animal], livro XIII, p. 377.
- Através do pai, livro XIII, p. 377; livro XIV, p. 133-135, p. 531; livro XVII, p. 62.
- Como produto de transformação da agressão oral voltada para a mãe, livro XIV, p. 531.
- No Caso do *Homem dos lobos*, ver em **Registro das Histórias Clínicas:** Índice de Nomes, *Homem dos lobos*.
- Nas lendas e mitologia, livro XIV, p. 133, p. 239s.

Pela nítida aproximação de mitos ao que ocorre com a criança no momento em que se confronta com a hierarquia paterna, o tema cresceu aos meus olhos, interessando-me ainda mais por ser projetado por quatro grandes eixos que indicavam, numa leitura mais apurada, de que modo

sensações participam parcialmente na formação de imagens mentais.¹

O contexto reflete, numa de suas vertentes, sobre mecanismos mentais na infância, assinalados em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915), quando Freud investiga fontes de prazer próprias do sexto e sétimo meses de vida. Mesmo sendo uma pequena parte dessa trilha conceitual, surpreendeu-me ao se tornar marco analítico do amor mediante etapas preliminares rodeadas de propósitos sexuais transitórios, estruturando um *incorporar/devorar* sob a tutela de uma “modalidade de amor compatível com a supressão separada do objeto [a qual] pode, portanto, ser qualificada de ambivalente” (FREUD, 1991b, p. 231) (tradução 1). Condição ímpar pelo contraste de forças, o ciclo próprio de incorporar ou devorar equaciona certo ganho analítico de amor abrangente à destruição (perda) de um objeto. Coexistência ganho/perda, leva uma ambivalência a ocupar o patamar de primeiro viés analítico para o devorar.

A agressividade diz muito sobre um impulso desse porte. Sua redução torna-se necessária para viabilizar a vida humana em comum, conforme sustenta Freud, o que impõe sacrifícios quase intransponíveis para o ego, que se vê “sacrificado pelas necessidades da sociedade, [devendo] se submeter às tendências destrutivas da agressão, as quais

1 O interesse por uma leitura desse porte me levava a estender antigos trabalhos meus em que detectei o papel do sensorial na atividade psíquica em Freud, nomeadamente: *O espaço imanente* (Rio de Janeiro: Imago, 1989) (a arte em Freud/Lacan), *Freud e a técnica* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992) (a técnica freudiana e o conceito de “transferência”), bem como minha tese de doutoramento em Filosofia na Universidade de São Paulo, *A Darstellung freudiana: considerações sobre uma “presentificação psíquica”* (2004) (o aparelho psíquico na perspectiva freudo-laciana).

Psicanálise do “devorar” na infância

gostaria mesmo de acionar contra os outros” (FREUD, 1996, p. 118) (tradução 3). O ego *sacrificado* diante do que quer destruí-lo traduz, por conseguinte, “uma continuação nos domínios psíquicos do dilema de devorar ou ser devorado, que domina o mundo da vida orgânica” (FREUD, 1996, p. 118). *Continuação* articulada como paralelismo psíquico-orgânico, torna-se um segundo viés analítico para o devorar.

Mas a devoração infantil abrange também lendas visualizadas e escutadas pelas crianças (conteúdos associados a sensações), ganhando ênfase no mundo onírico (FREUD, 1991a, p. 2-9) (tradução 5). Destaque assim para a ilustração do lobo (*Chapeuzinho Vermelho*) no sonho de um jovem analisado por Freud, em que seis ou sete lobos brancos se mostravam sentados numa noqueira; ainda mais reveladora e abrangente a esse respeito, a análise sugeria que a quantidade em questão trazia à tona a narrativa de *O lobo e as sete cabritas*, que marcara o jovem na infância. Duas importantes vertentes para Freud, a ilustração visualizada e o conto escutado teriam desencadeado uma zoofobia no pequeno sonhante, transformando duas sensações (visual/auditiva) em canais de expressão do medo infantil (concreto/sensível) da figura paterna (representada pelo lobo).² Essa cumplicidade ameaçadora, aliás, teria sido ainda re-

2 Antes de interpretar essa ilustração do lobo, no texto *Temas e lendas nos sonhos* (tradução 5), Freud articula o vínculo sensorial/lendário na primeira análise onírica ali formulada, ao enfatizar o que designa de “presentificação do coito” (*Koitusdarstellung*, em alemão) no sonho de uma paciente. Ainda que essa análise não contenha uma menção direta à devoração, torna-se essencial para se compreender o elo concreto do sensorial ao lendário na segunda análise, como demonstrarei logo a seguir, em torno do significado de *Dastellung*.

forçada pelo comportamento do pai quando brincava com a criança, dizendo que poderia devorá-la (“injúria carinhosa”, nos termos freudianos). Projeção de um terceiro viés analítico para o devorar: o lendário colocado ao lado do psíquico/sensorial.

A angústia da devoração paterna, finalmente, alonga-se ainda mais pelo universo mítico, conduzindo Freud a evocar, em *A questão da análise leiga* (1910), “a narração mitológica dos filhos do deus Cronos devorados por seu pai” (FREUD, 1991c, p. 238-240) (tradução 11). Indica, em acréscimo e tornando mais consistente o vínculo estabelecido, que uma referência desse porte foi alçada a pivô da castração analítica, ao lembrar que Cronos castrou seu pai, Urano, após devorar seus filhos, tendo sido ele mesmo castrado posteriormente por seu filho Zeus (único sobrevivente do canibalismo paterno): elo psíquico-mítico que aparece, então, como quarto e último viés analítico para o devorar.

Para minha nova surpresa, esses quatro direcionamentos se reorganizavam em torno de uma prioridade do sensorial sobre o psíquico, caso tomasse como ponto de partida dessa segunda ordem a precedência dos sentidos, formulada, no terceiro viés, em *Temas de lendas nos sonhos* (tradução 5). E é o uso marcante nesse contexto de um substantivo em alemão que me força a detalhar o *pari passu* ali seguido.

Dividido em duas partes, o texto é marcado inicialmente pelo sonho de uma jovem mulher que reencontrara seu marido depois de vários meses de ausência no lar. Ela se encontra em um quarto castanho que dá acesso a uma

Psicanálise do “devorar” na infância

escadaria empinada através de uma porta estreita, por onde entra um homem pequeno com *cabelos brancos, calvo e nariz roxo*, portando um *sobretudo negro* e uma *calça cinzenta*. Ato contínuo, dança comicamente diante dela, deixando o quarto logo depois. Conforme assinala Freud na análise, a jovem concluía que os elementos oníricos reencenavam o enredo do conto de *Rumpelstiltskin* (Irmãos Grimm, 1812). Nessa história, um moleiro tenta impressionar seu rei, dizendo que a filha podia fiar palha transformando-a em fios de ouro. Ela é chamada a seguir para o palácio real, trancada numa torre em que se encontra palha e uma roda de tear, sendo obrigada a criar ouro. Seu êxito fica condicionado à ajuda de um duende cujo nome, *Rumpelstiltskin*, desconhece, e que pede em troca seu colar e o anel nos dois primeiros dias passados na torre. No terceiro dia, sem nada mais para oferecer, ela promete a primeira criança que desse à luz. Desposa o rei em seguida, dele tendo um filho. O duende retorna para cobrar o que lhe era devido. A jovem tenta dissuadi-lo e ele aceita reverter a promessa, desde que ela conseguisse adivinhar seu nome, o que de fato ocorre, levando-o, por raiva, a partir-se em dois.

As analogias entre os elementos oníricos e o conto são apresentadas ao longo da leitura do original e da tradução (5); o que retém a atenção neste momento, no que diz respeito à prioridade sensorial/psíquica, é o sentido “mais profundo, puramente sexual” aventado por Freud para o quarto que aparece no sonho. A jovem só consegue associá-lo à sala de comer da casa onde crescera, emadeirada em castanho, a qual julgava imprópria para se dormir a dois.

De modo significativo para a elaboração onírica, ela conversou dias antes do sonho sobre camas em certos países, momento em que gracejou uma obscenidade inofensiva, a seu juízo, despertando risos nos ouvintes ali presentes. Para Freud, o quarto sonhado, por portar certamente madeira (não mencionada, no entanto, pela jovem), sugeria o vínculo com uma cama (básica em um quarto) à qual, por redobrar a cor da sala de comer dos pais, englobava a dimensão familiar. O visitante, por seu turno, incorporava o marido que estivera muito tempo ausente do lar e que retornava à esposa “visando desempenhar seu papel na cama matrimonial” (o que era reforçado, aliás, pela associação possível quarto/sala de comer dos pais em torno da cor castanha). O *sentido mais profundo e puramente sexual* aparece logo em seguida, quando a análise identifica, de um lado, o quarto com uma vagina, e, de outro, o homem que gesticula comicamente com o pênis. A gesticulação, associada tanto à porta estreita quanto à escadaria empinada, consolidaria uma interpretação dessa grandeza, pois a cena era construída mentalmente segundo uma “presentificação do coito”, *Koitusdarstellung*, nos termos freudianos em alemão.

A língua alemã tramava aqui a favor da minha reorganização. Freud se vale de um composto, contendo dois substantivos, *Koitus* (“coito”) e *Darstellung* (“presentificação”). Deste último, resultante da contração do prefixo *dar-* com o verbo *stellen*, verifiquei que:

[...] o verbo germânico-ocidental *stellen* (médio-alto-alemão, antigo-alto-alemão), no neerlandês *stellen*, no inglês *stiellan*, deriva-se (...) do substantivo *Stall* do

Psicanálise do “devorar” na infância

antigo germânico e significa exatamente “trazer algo (colocar) para uma – numa – posição”. FOI EMPREGADO em geral, então, como [correspondente] para o verbo “*stehen*”, especialmente nos sentidos de [...] “colocar em pé, posicionar; colocado, inerte, rígido; posição, suporte, poste, armação (cavelete ou estante)”, sendo provavelmente uma ampliação [...] do verbo “*stehen*”.³

Stall é, então, realçado. Constatei, em seguida, que ele “significa exatamente ‘posição, lugar’ (até a primeira fase do moderno-alto-alemão). *Viehstall* (“estábulo”) é, de fato, a ‘posição’ dos animais domésticos”.⁴ *Dar-*, por sua vez, serve de complemento a essa raiz, elucidando a formação de *dar-stellen*:

Além do *mhd.* [médio-alto-alemão], *ahd.* [antigo-alto-alemão] *där*, [encontrado] em “*daraus* (‘disto’), *darin* (‘naquilo’), *darunter* (‘debaixo’)” e outros [...], os quais respondem à pergunta onde?, existia um breve prefixo no médio-alto-alemão *dar(e)* (*dara* no antigo-alto-alemão, como em “*dahin*”), tomando parte [na construção de] verbos como “*dar-bieten*” [(“apresentar”)], “*dar-legen*” [(“mostrar”, “expor”)], “*dar-stellen*”, nos advérbios “*daran*” (“nisto”), “*darein*” (“ali”) (pergunta aonde?) e naqueles que perderam o r, “*dagegen*” (“em

3 “Das westgermanische Verb **mhd.** [mittelhochdeutsch], **ahd.**[althochdeutsch], stellen, niederl. [niederländisch] stellen, aengl. [englisch] stellan ist abgeleitet von (...) **Stall altger.** [altgermanisch] Substantiv und bedeutet eigentlich ‘an einen Standort bringen aufstelle’. Doch wird es allgemein als Veranlassungswort zu ‘stehen’ gebraucht, besonders in den Bedeutungen ‘stehen machen, [auf] stellen; stehend, unbeweglich, steif; Stand[ort], Ständer, Pfosten, Gestell’ ist wahrscheinlich eine Erweiterung [...] [von] **stehen.**” (DROSDOWSKI, 1989, p. 707).

4 “**Stall** bedeutet eigentlich ‘Standort, Stelle’ bis in **fnhd.** [frühneuhochdeutsch] Zeit. ‘Viehstall’ bedeutet eigentlich ‘Standort’ der Haustiere.’” (DROSDOWSKI, 1989, p. 699).

oposição”), “*dazu*” (“por isto”), etc. Pertence, igualmente, à raiz do artigo “*der*”.⁵

Na construção de *dar-bieten*, *dar-legen* e *dar-stellen*, uma sólida proximidade se estabelecia. O primeiro, reportando-se com frequência a atores que desempenham ou mostram seus papéis, assimilaria o sentido de “apresentar”.⁶ Já o segundo significa *dar um esclarecimento*, levando em conta as seguintes traduções propostas no dicionário *Langenscheidt*: “expor, revelar, divulgar, apontar, indicar, especificar, chamar atenção para, declarar, afirmar, expressar, explicar, estabelecer, mostrar, demonstrar”.⁷ Por esse rumo, o uso necessário de um conteúdo abrange tanto um ator que *mostra seus atributos – conteúdos – artísticos*, quanto alguém que, no afã de esclarecimento, se vale de um conteúdo determinado: correspondência, assim, com “*dar-stellen*” (*stellen* aqui como “posicionar”). Equivalência que só se completa, no entanto, se for considerado neste último verbo

5 “Neben **mhd.** [mittelhochdeutsch], **ahd.** [althochdeutsch] *där* in ‘daraus, darin, darunter’, usw. (...), die auf die Frage wo? antworten, gab es ein kurzes mhd. [mittelhochdeutsch] *dar(e)*, **ahd.** [althochdeutsch] *dara* ‘dahin’, das in Verben wie ‘dar-bieten, -legen, -stellen’ und Adverbien wie ‘daran, darein’ (Frage: wohin?) steckt, aber auch in r-losem ‘dagegen, dazu’ u.ä. Es gehört ebenfalls zum Stamm des Artikels *der*.” (DROSDOWSKI, 1989, p. 115).

6 Cumpre ressaltar que “*dar-bieten*”, segundo o dicionário *Duden*, tem o sentido de “*zeigen*”, “mostrar” (DROSDOWSKI, 1989, p. 81); em acréscimo, as traduções que se encontram no dicionário *Langenscheidt* reforçam a ideia de “atuação”, “oferecer, apresentar” (“*offer, present*”), salientando-se o sentido de “performance” (“*performance*”) para sua forma substantivada “*Darbietung*”.

7 “*Lay open, expose, explain, point out, state, set forth, show*” (Langenscheidts Jubiläums, 1984, p. 799). Ainda segundo esse mesmo dicionário e reforçando o sentido de “esclarecer algo”, *Darlegung* (substantivo de “*darlegen*”) significaria “exposição, explanação, declaração, demonstração” (“*exposition, explanation, statement, showing*”) (ver: DROSDOWSKI, 1989, p. 81).

Psicanálise do “devorar” na infância

o sentido de “colocar diante dos olhos, mostrar, caracterizar/descrever”⁸, levando *darstellen* a significar, de modo mais preciso, o ato de “tornar algo visível” (“*sichtbar machen*”).

Era a chave para elucidar a “presentificação do coito”, *Koitusdarstellung*. A cena onírica colocava diante dos olhos da paciente o que era já era visível em suas circunstâncias matrimoniais, provocando fortes impressões: a ausência do marido e o cumprimento de seu papel sexual. O quarto em que ela se encontra e no qual o homenzinho **entra**, dançando em seguida comicamente (**se movimentava**, em outros termos) presentificaria, em termos oníricos, o preenchimento da lacuna sexual nas **circunstâncias concretas** do seu casamento. A imagem no sonho expressa ocorrências do seu contexto familiar: a atividade mental, no caso, tem uma procedência circunstancial, concreta e, por estar ligada à insatisfação, porta um caráter definitivamente sensorial.

Mas a relação mente-sentidos não se restringe apenas a essa primeira interpretação onírica, reaparecendo, conforme indiquei anteriormente (p. 10), no centro da segunda análise do texto, sob a ilustração visualizada do lobo (*Chapeuzinho Vermelho*) e a quantidade escutada de lobos (*O lobo e as sete cabritas*). O mundo onírico, portanto, como na primeira análise, elaborava uma cena mental cujos caracteres procediam de impressões retidas pela visão/audição. Essas sensações expressavam, além disso, o medo infantil em relação à figura paterna, indicando como qualidades sensíveis (ilustração visualizada/quantidade escutada) coexistiam com uma qualidade formal (representa-

⁸ “*Vor Augen stellen, zeigen, schildern*” (DROSDOWSKI, 1989, p. 707).

tação do pai pelo lobo), tornando nítida uma ambivalência concreto-abstrata na atividade mental.

E foi uma verificação desta amplitude que me fez avançar do terceiro ao quarto viés freudiano sobre o devorar. Notei que o medo de ser devorado por um pai-lobo só seria assimilado pelas sensações da criança se a análise admitisse a precedência temporal do conteúdo formal-mítico da devoração que sustenta a coexistência sensibilidade-forma. Traduzia Freud nos seguintes termos: a narração da devoração dos filhos de Cronos pelo pai, como conteúdo mitológico e situado num tempo anterior às circunstâncias espaço-temporais de uma criança – *a priori* mítico-formal –, é reativada psíquica e posteriormente na infância pela relação filial-paterna – *a posteriori* psíquico-sensível. Logo, nem o passado formal *a priori* existiria sem o presente sensível *a posteriori*, nem o presente sensível *a posteriori* conseguiria se bastar distanciando-se do passado formal *a priori*, quando por aí se articulam lendas, sonhos, a atividade psicamental e o devorar: oposição/vinculação que reforçava uma vez mais a ambivalência na dinâmica mental.

Mas a sensibilidade mediada pela predominância de uma referência formal ambivalente em questão faz parte da natureza, dando conta de algo que toca diretamente pelas sensações a existência do corpo, o que me levava ao esclarecimento tanto do segundo viés freudiano sobre o devorar (reconhecimento de um dilema orgânico-psíquico), quanto do primeiro viés (ambivalência incorporar/devorar).



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

**Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda**

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2019